



PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE MORADORES DO ENTORNO DE FRAGMENTOS FLORESTAIS: A RELAÇÃO ENTRE O BUGIO - RUIVO (*ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS*) E A FEBRE AMARELA.

Fabiana Muller Corrêa¹

Márcia Maria de Assis Jardim²

¹Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas, ULBRA, bolsista de IC, PIBIC - CNPq, Setor de Mastozoologia - MCN, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (fabifabifabi@gmail.com). ²Laboratório de Ecologia de aves e mamíferos, Departamento de Zoologia e Genética, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

INTRODUÇÃO

A febre amarela é uma doença infecciosa não contagiosa causada por um arbovírus do gênero *Flavivirus*, transmitido pelos mosquitos do gênero *Aedes*, *Haemagogus* e *Sabethes*. Na forma silvestre da doença, os primatas não humanos são hospedeiros “sinalizadores” do vírus amarelo, indicam a presença do vírus na natureza (Fundação Nacional da Saúde, 1999). Dentre os primatas neotropicais, o gênero *Alouatta* apresenta a maior suscetibilidade à doença, apresentando altas taxas de letalidade (Vasconcelos, 2003). Entre outubro de 2008 e julho de 2009 foram notificadas cerca de 2000 mortes de bugios por febre amarela em 150 municípios do Rio Grande do Sul, envolvendo as espécies *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812) e *Alouatta guariba clamitans* (Cabrera, 1940). Porto Alegre entrou para área de risco após ser confirmada a morte de dois indivíduos de *A. g. clamitans* no município de Guaíba (CEVS, 2009). Durante este surto, surgiram relatos de possíveis agressões de moradores a bugios em fragmentos florestais pelo receio de contágio da doença, tanto em áreas rurais, quanto na periferia de centros urbanos. O fato da distribuição geográfica de *A. g. clamitans*, desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul (Printes *et al.*, ., 2001), ser coincidente com a região com maior densidade populacional humana do país, aumenta a preocupação a respeito da preservação desta espécie, considerando a maior possibilidade de conflitos e o aumento da pressão de ameaça a este primata.

OBJETIVOS

Avaliar a percepção ambiental de moradores do entorno de fragmentos florestais da zona sul de Porto Alegre e Viamão, em relação à proximidade com populações naturais de bugio - ruivo (*A. g. clamitans*), após o surto de febre amarela silvestre em 2008 e 2009.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no entorno de fragmentos florestais nos municípios de Porto Alegre e Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. Os dados foram obtidos através de entrevistas com moradores locais a partir de um questionário contendo 20 perguntas. A elaboração das perguntas foi feita com base em Ditt *et al.*, . (2003) e adaptadas conforme o objetivo da pesquisa. Foram abordados aspectos relacionados ao perfil dos moradores, à relação com a fauna local e ao conhecimento a respeito da febre amarela. As entrevistas foram conduzidas entre os meses setembro de 2009 e abril de 2010. No total, 61 entrevistas foram efetuadas na região, abrangendo três localidades: Itapuã (n= 21) e Águas claras (n=20) no município de Viamão, e Cantagalo/Lami (n=20) na divisa de Viamão/Porto Alegre. Em cada propriedade visitada, foram anotadas as coordenadas geográficas utilizando o Sistema de Posicionamento Global (GPS). Após a realização das entrevistas foi distribuído um material com informações de esclare-

cimento sobre a relação do bugio com a febre amarela.

RESULTADOS

O bugio - ruivo, dentre outros animais, foi citado espontaneamente por todos os moradores, comprovando que este animal é bem conhecido e importante para a população. Apesar da presença das populações *A. g. clamitans* na maioria dos fragmentos florestais próximos a áreas rurais e adensamentos urbanos na região (Printes *et. al* 2010), os efeitos da proximidade com a presença humana associado a perda e degradação da qualidade dos habitats naturais, têm gerado conflitos ocasionando a perda de indivíduos da espécie, com consequências populacionais ainda desconhecidas (Lokschin *et al.*, ., 2007; Printes *et. al* 2010). Apesar da maioria dos moradores (87,9%) não relatarem mortes de bugios, os casos relatados foram atribuídos aos principais conflitos encontrados na região: choques elétricos, ataques por cachorro e caça clandestina (Printes *et al.*, 2010). Apenas um caso de agressão foi atribuído ao risco de transmissão da febre amarela. A falta de informação sobre o assunto foi evidenciada pela análise dos dados em que 52,4% não sabiam explicar ou tinham dúvidas quanto à relação do bugio com a Febre Amarela e 27,9% afirmaram que o bugio é o transmissor da doença. Apesar das dúvidas, a grande maioria (85,2%) afirmou ter realizado a vacina, indicando que a campanha de imunização a doença foi eficiente.

CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que a população entrevistada percebe bem a presença dos bugios e que a maioria dos conflitos ainda estão relacionados ao processo de urbanização das áreas naturais, e não a questão da febre amarela. No entanto, considerando que houve relato de agressão e que permanecem dúvidas sobre a forma de transmissão da doença e a sua relação com os bugios, é recomendável que a campanha local com informativos

sobre a doença, através de folders e cartazes continue como medida preventiva para evitar agressões em futuros surtos da doença na região.

REFERÊNCIAS

- CENTRO ESTADUAL DE VIGILANCIA EM SAÚDE. 2009. Boletim semanal sobre febre amarela, 2008 2009. Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Ministério da Saúde. Rio Grande do Sul. Disponível em <http://www.saude.gov.br/svs>. Acesso em: 23/10/2009. DITT, E. H.; MANTOVANI, W.; VALLADARES - PADUA, C. & BASSI, C. 2003. Entrevistas e aplicação de questionários em trabalhos de conservação. p. 631 - 646 In: Cullen Jr., L.; Rudran, R.; Valladares - Padua, C. (Org.). Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre. UFPR, Curitiba, Paraná. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. 1999. Manual de vigilância epidemiológica da febre amarela. Ministério da Saúde. Brasília. p. 60. LOKSCHIN, L. X.; PRINTES, R. C.; CABRAL, J. N. H. & BUSS, G. 2007. Power Lines and Howler Monkey conservation in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Neotropical Primates, Rio Grande do Sul 14 (2): 76 - 80. PRINTES, R.C.; BUSS, G.; JARDIM, M. M. A., FIALHO, M.S. DORNELLES, S.S. PEROTTO, M.; BRUTTO, L.F. G.; GIRARDI, E.; JERUSALINSKY, L.; LIESENFELD, M.V.A.; LOKSCHIN, L. X. & ROMANOWSKI, H. 2010. The Urban Monkeys Programme: A Survey of *Alouatta clamitans* in the South of Porto Alegre and Its Influence on Land Use Policy Between 1997 and 2007. Primate Conservation. 25: 11 - 19. PRINTES, R.C.; LIESENFELD, M.V.A. & JERUSALINSKY, L. 2001. *Alouatta guariba clamitans* (Cabrera, 1940): A New Southern Limit for the Species and for Neotropical Primates. Neotropical Primates. 9 (3): 118 - 121. VASCONCELOS, P. F. C. 2003. Febre Amarela (Yellow Fever). Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 36 (2): 275 - 293.